



Moradores refêns do tráfico em 126 bairros

Com leis próprias, bandidos ditam uma rotina de medo na Grande Vitória

/// VICTOR MUNIZ
vmelo@redgazeta.com.br

/// RUHANI MAIA
ruhani.maia@redgazeta.com.br

“Minha casa está lá, vazia. Tenho medo de voltar e morrer”. A promotora de vendas Maria*, 44 anos, não pode ir e vir, como uma cidadã comum. Do dia para noite, sua residência simples, localizada no Morro da Boa Vista, em São Torquato, Vila Velha, foi tomada por traficantes, interrompendo nove anos de história dentro da comunidade.

Maria juntou tudo o que conseguiu e saiu de casa, junto com os cinco filhos. Hoje, ela precisa pagar R\$ 1,2 mil de aluguel em outro bairro do mesmo município. Há três anos vive assim. Com medo da morte.

A expulsão de Maria de sua casa é só uma amostra de um poder que coage silenciosamente e impõe leis próprias, ferindo os direitos básicos de cidadãos na Grande Vitória.

Durante três meses, a reportagem fez um levantamento, com a ajuda de moradores, policiais civis e militares sobre a in-

fluência do tráfico de drogas dentro das comunidades.

Em 126 bairros de quatro municípios da Região Metropolitana - Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória - uma parcela da população vive sob as leis de traficantes, que impõem desde pequenas restrições, como a hora do culto numa igreja até um tribunal paralelo de “justiça”, onde eles determinam quem pode viver ou deve morrer.

O município com atuação mais intensa de traficantes é Vila Velha. No local, foram mapeados 39 bairros onde a situação é de medo. As regiões da Grande Santa Rita, Grande Terra Vermelha e arredores do Boa Vista são pontos mais críticos. Cariacica aparece em segundo lugar, com 31 locais mapeados, seguido por Serra com 27 bairros. Na Capital, são 29 regiões, sendo Bairro da Penha historicamente dominado por traficantes.

SEM PERDÃO

Juíza titular da 4ª Vara Criminal de Vitória, Gisele Souza de Oliveira já trabalhou também na

sobrevivente

Guerra Urbana MUDANÇA DE VIDA APÓS BALA PERDIDA

▼ Ao ser vítima de uma bala perdida no pescoço, um advogado de 33 anos precisou sair de sua casa, em Feu Rosa, na Serra, por medo da violência. Em outubro de 2015, ele saiu de casa para ir à feira e acabou ficando no fogo cruzado durante um acerto de contas entre bandidos. “Se a bala tivesse me atingido milímetros para a esquerda eu estaria paraplégico e para a direita, morreria em três minutos”. Foram 27 dias de internação. Após a recuperação, a mudança de casa e de vida.



“Era uma disputa por território de tráfico entre dois primos. Isso é algo tão normal, que acredito que se não tivesse me atingido, eles sequer teriam sido presos. Eu não tinha nada a ver com a história, mas fiquei inseguro.”

Serra, local onde ela conta ter atuado em um dos casos mais chocantes de sua carreira como magistrada.

A simples desconfiança de um traficante condenou duas

mulheres à morte. Tudo porque o criminoso imaginou que uma delas poderia ter passado o esconderijo dele, que estava foragido, para os policiais.

“A polícia foi lá cumprir man-

dado de prisão. Só que o traficante conseguiu fugir naquele dia e desconfiou que poderia ter sido uma senhora, dona de um bar, quem passou a informação sobre sua localização. Dois dias depois, ela estava na rua, conversando com uma vizinha. Ele chegou e matou as duas. Somente porque desconfiou de uma delas”, contou a juíza.

O promotor de Justiça Criminal de Vitória Sérgio Alves Pereira afirma que um “tribunal do crime” atua dia após dia nas comunidades dominadas por traficantes.

“Esses tribunais aplicam uma medida coercitiva quase de maneira instantânea e, dentro daqueles valores de violência, passam a ditar as regras daquela comunidade. As penas podem ser variadas, com punições sempre violentas”, ressalta o promotor.

NÚMEROS

Segundo a Secretaria de Segurança do Estado, 63% dos assassinatos registrados no Espírito Santo têm ligação com o tráfico de drogas.



▼ gazetaonline.com.br

Confira na web um mapa interativo sobre a influência do tráfico em cada um dos 126 bairros da Grande Vitória leia.ag/trafico

CARIACICA

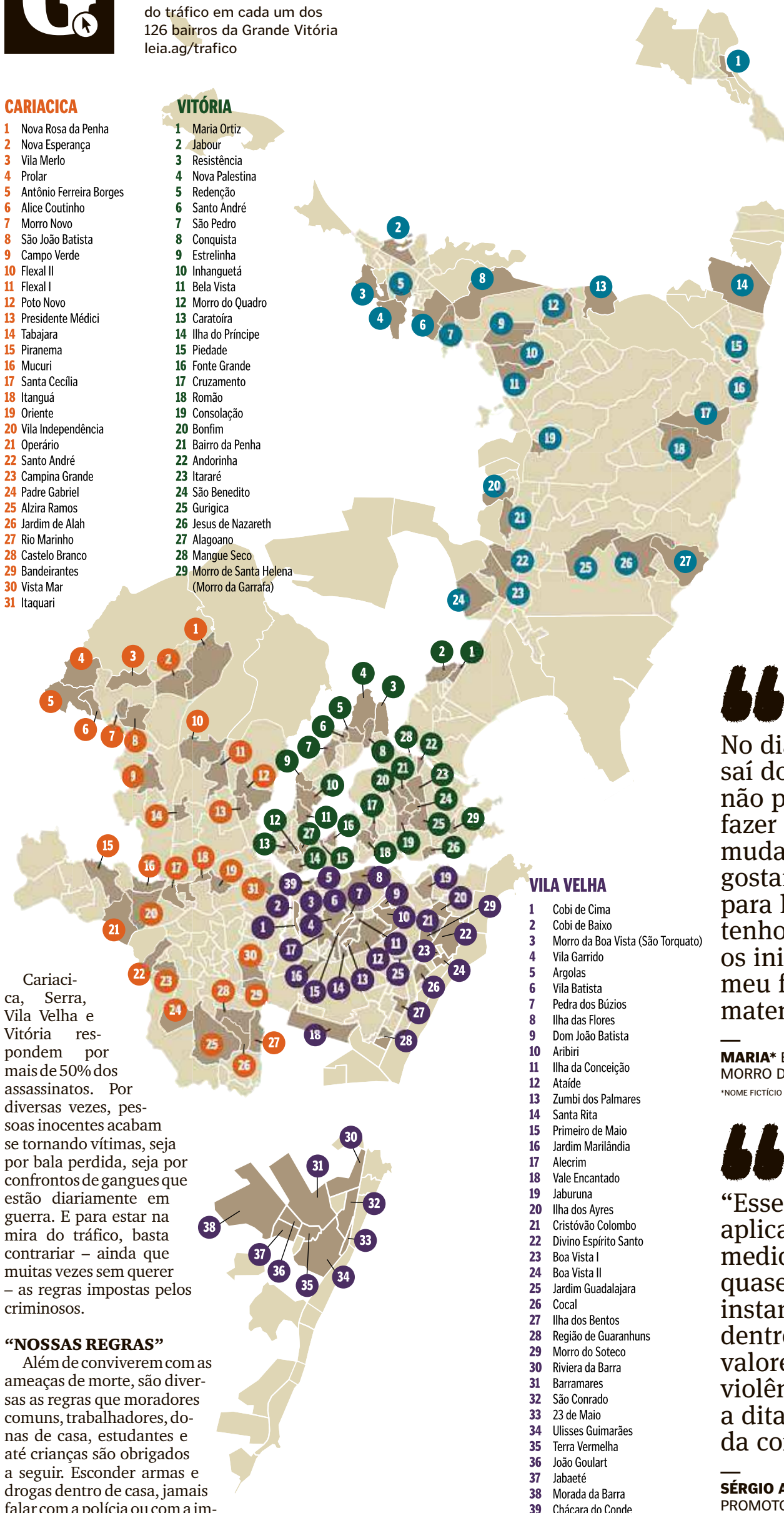
- 1 Nova Rosa da Penha
- 2 Nova Esperança
- 3 Vila Merlo
- 4 Prolar
- 5 Antônio Ferreira Borges
- 6 Alice Coutinho
- 7 Morro Novo
- 8 São João Batista
- 9 Campo Verde
- 10 Flexal II
- 11 Flexal I
- 12 Poto Novo
- 13 Presidente Médici
- 14 Tabajara
- 15 Piranema
- 16 Mucuri
- 17 Santa Cecília
- 18 Itanguá
- 19 Oriente
- 20 Vila Independência
- 21 Operário
- 22 Santo André
- 23 Campina Grande
- 24 Padre Gabriel
- 25 Alzira Ramos
- 26 Jardim de Alah
- 27 Rio Marinho
- 28 Castelo Branco
- 29 Bandeirantes
- 30 Vista Mar
- 31 Itaquari

VITÓRIA

- 1 Maria Ortiz
- 2 Jabour
- 3 Resistência
- 4 Nova Palestina
- 5 Redenção
- 6 Santo André
- 7 São Pedro
- 8 Conquista
- 9 Estrelinha
- 10 Inhanguetá
- 11 Bela Vista
- 12 Morro do Quadro
- 13 Caratoira
- 14 Ilha do Príncipe
- 15 Piedade
- 16 Fonte Grande
- 17 Cruzamento
- 18 Romão
- 19 Consolação
- 20 Bonfim
- 21 Bairro da Penha
- 22 Andorinha
- 23 Itararé
- 24 São Benedito
- 25 Gurigica
- 26 Jesus de Nazareth
- 27 Alagoano
- 28 Mangue Seco
- 29 Morro de Santa Helena (Morro da Garrafa)

SERRA

- 1 Nova Almeida
- 2 Jardim Bela Vista
- 3 São Marcos
- 4 Cascata
- 5 Santo Antônio
- 6 Vista da Serra I
- 7 Vista da Serra II
- 8 Planalto Serrano
- 9 Cidade Pomar
- 10 Nova Carapina II
- 11 Nova Carapina I
- 12 Serra Dourada III
- 13 Serra Dourada I
- 14 Bairro das Laranjeiras
- 15 Vila do Coelho
- 16 Castelândia
- 17 Feu Rosa
- 18 Vila Nova de Colares
- 19 Taquara I
- 20 José de Anchieta II
- 21 Jardim Tropical
- 22 Central Carapina
- 23 Carapina Grande
- 24 Jardim Carapina
- 25 Novo Horizonte
- 26 Cidade Continental
- 27 Balneário Carapebus



Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória respondem por mais de 50% dos assassinatos. Por diversas vezes, pessoas inocentes acabam se tornando vítimas, seja por bala perdida, seja por confrontos de gangues que estão diariamente em guerra. E para estar na mira do tráfico, basta contrariar – ainda que muitas vezes sem querer – as regras impostas pelos criminosos.

“NOSSAS REGRAS”

Além de conviverem com as ameaças de morte, são diversas as regras que moradores comuns, trabalhadores, donas de casa, estudantes e até crianças são obrigados a seguir. Esconder armas e drogas dentro de casa, jamais falar com a polícia ou com a im-

63%

dos assassinatos registrados no Estado têm ligação com o tráfico de drogas

prensa, ceder o próprio quintal para o comércio de entorpecentes, assistir ao comércio ilegal na porta de casa e nada dizer, entre outras diversas regras, que na maioria das vezes não são explícitas, mas já estão no cotidiano de quem convive com o “movimento” – como é chamado o grupo que explora o tráfico.

ATAQUE

Em Castelo Branco, Cariacica, fiéis que saíam de uma igreja foram atacados por traficantes, em setembro deste ano. O motivo? Eles estavam com roupas sociais e conversando em grupo na rua. Foram muitos tiros disparados contra eles e duas pessoas foram atingidas.

Segundo a polícia, os traficantes de Castelo Branco estão em guerra com os criminosos de Rio Marinho, bairro vizinho. Rivalidade entre bairros que acontece em Vila Velha, na Serra, na Capital, e também já se registra no interior do Estado.

No caso dos fiéis da igreja, eles foram confundidos com bandidos do grupo rival, porque esses passaram a usar roupas sociais como disfarce para circular no bairro vizinho e atacar desfeitos.

ENTREGA PARA QUEM?

E até quem não vive nos bairros dominados pelo tráfico está sujeito às leis. Trabalhadores que prestam serviços básicos para quem mora nessas comunidades também são vigiados e sofrem retaliações.

Para apresentar as regras aos “visitantes”, os muros são usados como recado. “Entre sem capacete e abaixe o farol” é a ordem pichada no bairro Guadalajara, Vila Velha. “Silêncio é o poder” é um mandamento escrito na fachada de uma casa em Padre Gabriel, Cariacica. Já os dizeres “Bem-vindo ao inferno” são encontrados no Beco do Garrafão, em Santa Rita, Vila Velha.

Para os motoboys, infringir as leis de trânsito no ato de tirar o capacete para fazer uma entrega é a única opção para entrar em bairros como José de Anchieta II, na Serra, ou Andorinhas, em Vitória. Já os motoristas de ônibus são obrigados a abrir as portas para que os moradores de um bairro em Vitória usem o transporte coletivo sem pagar a passagem.

(*) MARIA É UM NOME FICTÍCIO PARA A PERSONAGEM E HISTÓRIA REAIS.



No dia em que eu saí do bairro, não pude nem fazer a minha mudança. Eu gostaria de voltar para lá, mas tenho medo que os inimigos do meu filho me matem”

MARIA* EX-MORADORA DO MORRO DA BOA VISTA

*NOME FICTÍCIO



“Esses tribunais aplicam uma medida coercitiva quase de maneira instantânea e, dentro daqueles valores de violência, passam a ditar as regras da comunidade”

SÉRGIO ALVES PEREIRA
PROMOTOR

VILA VELHA

- 1 Cobi de Cima
- 2 Cobi de Baixo
- 3 Morro da Boa Vista (São Torquato)
- 4 Vila Garrido
- 5 Argolas
- 6 Vila Batista
- 7 Pedra dos Búzios
- 8 Ilha das Flores
- 9 Dom João Batista
- 10 Aribiri
- 11 Ilha da Conceição
- 12 Ataíde
- 13 Zumbi dos Palmares
- 14 Santa Rita
- 15 Primeiro de Maio
- 16 Jardim Marilândia
- 17 Alecrim
- 18 Vale Encantado
- 19 Jaburuna
- 20 Ilha dos Ayres
- 21 Cristóvão Colombo
- 22 Divino Espírito Santo
- 23 Boa Vista I
- 24 Boa Vista II
- 25 Jardim Guadalajara
- 26 Cocal
- 27 Ilha dos Bentos
- 28 Região de Guaranhuns
- 29 Morro do Soteco
- 30 Riviera da Barra
- 31 Barramares
- 32 São Conrado
- 33 23 de Maio
- 34 Ulisses Guimarães
- 35 Terra Vermelha
- 36 João Goulart
- 37 Jabaeté
- 38 Morada da Barra
- 39 Chácara do Conde

“Meu bairro é esquecido”

“Com o tráfico de drogas e a falta de estrutura, a gente não tem nada.” O desabafo resume o sentimento de uma dona de casa que reside em Barramares, Vila Velha. Segundo ela, traficantes controlam até mesmo o que os moradores conversam dentro de casa.

Como é morar em Barramares hoje?

Eu gosto de morar lá, mas chega no horário de 18 horas, eu entro na minha casa e não saio mais. Tenho medo. Não deixo minhas meninas ficarem do lado de fora. Tem muito tiroteio. É o que mais tem lá. Parece até festa junina.

Tudo causado pelo tráfico?

O tráfico acontece na avenida principal do bairro a qualquer hora. Quando vou trabalhar tem gente nos pontos de venda. Tem muito adolescente no tráfico. Crianças que aprendem o que não presta.

Desde novos esses jovens já participam do “movimento”?

As crianças já estão acostumadas com o tráfico. Quando chegam na idade de 10 anos, já estão perdidas. Eu nem deixo as crianças da minha família ficarem na rua. A gente tem que salvar quem puder. Eu tenho dois sobrinhos que reclamam muito de não poderem ficar na rua. Eu revezo com a minha irmã. Quando ela está trabalhando, eu fico com eles, para não deixá-los sozinhos. Se o traficante chamar, mostrar dinheiro, já era. Se a criança não tiver alguém ali do lado, acaba entrando mesmo.

E como é viver no meio disso tudo?

Eu morro de medo. A gente conversa só com quem é morador da mesma rua. Tem muito olheiro para saber sobre o que estamos falando. Eu evito falar alto até dentro da minha casa. Não posso conversar nada no meu quarto, por exemplo, porque temos muito medo de falar qualquer coisa. Não existe a palavra tráfico na rua.

Vocês denunciam essa situação a alguém?

Quando alguém faz denúncia para o 190 ou 181, os traficantes passam, de casa em casa, perguntando quem é o “X-9” da área. Eles ficam perguntando quem ligou. É melhor a gente ficar de boca fechada.

E a polícia?

Raramente vai no bairro. Não tem patrulha. A gente não tem nem pra-cinha. Se pudéssemos, ficaríamos à noite na rua, levaríamos as crianças, mas com o tráfico e a falta de estrutura, a gente não tem nada disso. A verdade é que o meu bairro é esquecido. Não temos esperança.



REGRAS

➤ Moradores são obrigados a guardar armas e drogas dentro da própria casa. Os bandidos entram armados na residência e, se o proprietário se recusa a ajudar, acaba morto ou expulso. Caso a polícia apareça no local e flagre os materiais ilícitos, eles são obrigados a se calar.

➤ O morador tem que observar o movimento do tráfico de drogas calado e evitar, até mesmo, citar a palavra tráfico em alguns locais, com risco de ser interrogado por bandidos sobre o motivo de estar conversando sobre o assunto.

➤ Em hipótese alguma moradores de regiões dominadas pelo tráfico podem conversar ou passar qualquer tipo de informações à polícia. Eles são denominados “X9” ou “caguete” e a pena acaba sendo a morte para quem se coloca contra o tráfico. A Lei do Silêncio prevalece nesses locais, seja com a presença de autoridades ou da imprensa.

➤ A população passa por restrições de circulação em determinados horários. Em alguns locais, traficantes determinam até que momento do dia ou da noite moradores podem ficar na rua e, em alguns casos, chegam a controlar o modo de se vestir da população.

➤ Em alguns bairros da Grande Vitória, bandidos determinam o horário de funcionamento do comércio e das igrejas. Tudo depende de como está a movimentação do tráfico no bairro.

➤ Toques de recolher são comuns. Comerciantes são obrigados a fechar as portas, assim como moradores são orientados a não ficar na rua. A medida também impede a entrada e circulação de ônibus e motos nesses bairros.

➤ Motoristas e cobradores de ônibus têm que obedecer as regras impostas pelos bandidos em bairros dominados pelo tráfico. Essa

obediência significa não chamar a atenção de quem está no coletivo. Pular a roleta, entrar pelas portas de trás e embarcar ou desembarcar fora do ponto são condutas que não podem ser recriminadas pelos trabalhadores.



➤ Motoboys são obrigados a informar a traficantes o que vão fazer no bairro e a quem vão atender, para então saberem se serão autorizados a fazer o serviço ou não. Se o traficante tem algum problema com a pessoa que será atendida, o motoboy é proibido de concluir esse serviço;

➤ Mesmo se o motoboy se identificar e informar o motivo de estar no bairro, o traficante algumas vezes o revista. Ele também determina que o motoboy levante o capacete e ande com a iluminação do farol da moto mais baixa.

➤ Moradores de bairros que estão em guerra são proibidos de frequentar o “território do inimigo”, sob pena de serem acusados de traição.

➤ Em diversos bairros da Grande Vitória a regra sobre crimes de roubo e furto cometidos na região são claras. A punição é severa, com espancamentos e, no caso de reincidência, até mesmo a morte, normalmente de forma excessivamente violenta, como meio de recado a outros que pensem em cometer o mesmo delito.

SANÇÕES

➤ Expulsão de casa e do bairro: os motivos para esse tipo de punição são variados. O principal deles é o parentesco com criminosos rivais ao grupo que domina o tráfico de drogas.

➤ Outro motivo que leva um traficante a expulsar um morador é o intuito dos bandidos de utilizarem o local, muitas vezes considerado ponto estratégico no morro, para a venda, embalou armazenamento de drogas e armas. A situação é frequente em alguns morros de Vitória e Vila Velha.

➤ Estupros são crimes punidos com a morte. **Na Serra, um gari foi assassinado após boatos de que ele teria estuprado uma criança se espalhar na região. Mesmo inocente, ele não escapou da sentença dos criminosos.**

➤ Outro ato que leva à morte é a pedofilia. O tribunal do tráfico não perdoa o abuso de menores de idade. O procedimento é semelhante ao que acontece com estupradores.

➤ Passar informações para a polícia é considerado um ato de traição e também passível de punição com a morte a qualquer um, seja integrante do tráfico de drogas ou um morador comum. **Um dos casos mais emblemáticos aconteceu no município da Serra, onde dois irmãos que clamavam por mais segurança em um bairro foram assassinados no mesmo dia por traficantes.**

➤ Discussões, brigas de casais ou entre moradores são alvos do tribunal do tráfico pois são ocorrências em que a Polícia Militar costuma ser acionada. Na primeira vez, os bandidos dão um aviso para que não se repita. No caso de reincidência, dependendo da frequência, o morador pode ser espancado ou morto.

➤ Já as meninas menores de idade e mulheres são alvos do tribunal do tráfico no caso de traição. Os traficantes raptam as vítimas e raspam cabelos e sobrancelhas, para marcar a pessoa infiel. Conselheiros tutelares já relataram casos em morros de Vitória.

Facção paulista dita regras e arma confrontos

Bandidos do Estado contam com ajuda de grupo nacional para agir

Uma facção criminosa nacional, com base em São Paulo, é responsável por comandar o tráfico de drogas na capital do Estado capixaba há dez anos.

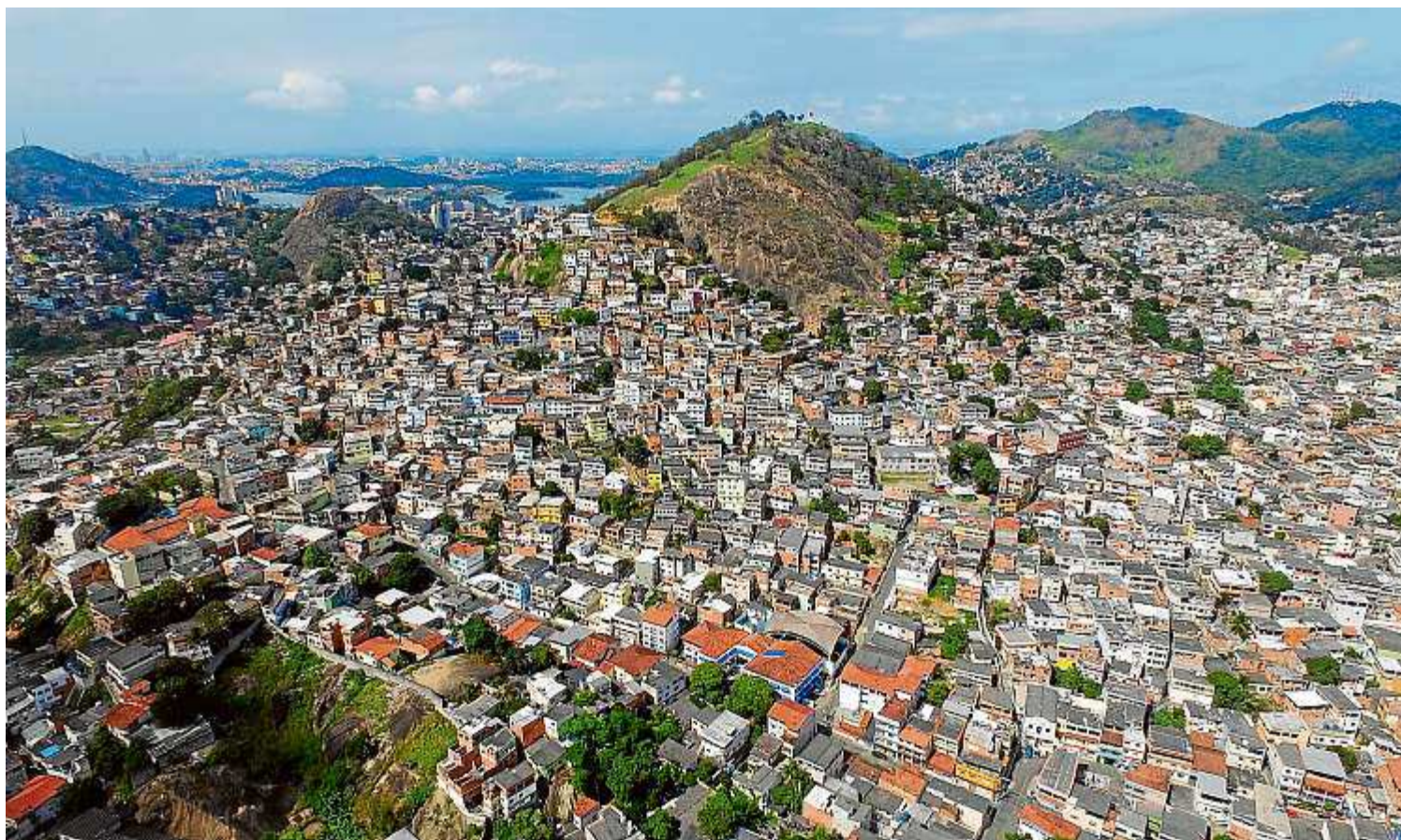
É o que aponta uma investigação do Ministério Público do Espírito Santo (MPES). A reportagem teve acesso, com exclusividade, a um relatório sobre as atividades do grupo no Estado.

De acordo com a investigação, diversos bairros de Vitória, principalmente na região do Bairro da Penha – que abrange também os bairros Bonfim, São Benedito, Gurigica, Itararé e Consolação – são comandadas por duas quadrilhas que na verdade são ramificações do grupo nacional. O nome da facção não será divulgado a pedido do Ministério Público.

Tudo começou no ano de 2006, quando foi interceptado um contato de presos do Espírito Santo – um “salve” – direcionado a encarcerados de São Paulo, onde a facção foi criada e tem sede. Esse teria sido o primeiro contato entre bandidos da Grande Vitória e os criminosos paulistas. Aproveitando que o sistema prisional da época estava desorganizado, a facção resolveu “investir” no Estado, segundo informações do relatório.

O Bairro da Penha foi o local escolhido como base do grupo paulista. Foram eleitas lideranças, bandidos que já comandavam a região na época, para chefiarem a venda de entorpecentes do local, tudo sob os preceitos da facção nacional.

Guardadas as características de comando local, as estraté-



Região do Bairro da Penha, em Vitória: local escolhido como base do grupo paulista há 10 anos, segundo as investigações

gias, táticas e todo o sistema de funcionamento do tráfico no Bairro da Penha é baseado na facção de São Paulo, segundo a investigação.

Em 2012, uma briga entre as duas quadrilhas ramificadoras – que até então atuavam juntas – resultou em uma sangrenta disputa pelo poder da região. Foram diversos tiroteios até que se voltasse a um acordo de trégua, existente nos dias de hoje.

E apesar dos confrontos te-

rem diminuído na região, o tráfico de drogas continua a todo o vapor. Segundo a investigação, a região do Bairro da Penha é responsável por abastecer bocas de fumo em todo o Estado.

CONFRONTOS

O relatório ainda chama a atenção para a “estratégia de confronto” contra a Polícia Militar: membros da facção estão sendo orientados a partirem para o enfrentamento armado du-

rante patrulhamentos e operações na região.

Um exemplo citado é recente. No dia 11 de setembro deste ano, em uma ocorrência policial no bairro Ariovaldo Favalessa, quatro bandidos entraram em confronto com PMs, que precisaram efetuar disparos contra os criminosos. Um deles morreu. Os outros conseguiram escapar. Com o criminoso baleado foi encontrado um revólver calibre 38. Ele tinha registro criminal

por tráfico de drogas e porte ilegal de arma.

Horas após o confronto, cerca de 200 moradores de Caratoíra, bairro vizinho, protestaram contra a morte do criminoso, ameaçando, inclusive, incendiar ônibus.

O documento ainda ressalta indícios de que a facção paulista pode estar criando ramificações em Nova Almeida, na Serra, e no interior do Espírito Santo, principalmente na região Norte.

Atuação nunca foi comprovada, diz Garcia

Questionado sobre as informações cedidas pelo Ministério Público do Espírito Santo à reportagem, o secretário de Estado de Segurança, André Garcia, negou a atuação de qualquer facção criminosa de âmbito nacional no tráfico de drogas da Grande Vitória e do Estado.

“Nós temos informes de atuação dessa facção, mas que nunca foram confirmados”, afirmou o secretário. Garcia ainda disse que esse “fascínio” dos criminosos do Estado pelas grandes facções de

Rio de Janeiro e São Paulo faz com que os bandidos procurem esse tipo de ligação. “Há bandidos que querem ter o nome associado a uma facção desse porte. No entanto, não há atividade, que a gente possa dizer, organizada, dessa forma que está sendo colocada. Não existe e eu acho que algumas pessoas até gostariam que existisse”, ressaltou Garcia.

Os documentos de investigação do Ministério Público mostraram que parte dos chefes dessas quadrilhas que atuam na

Grande Vitória estão nas cadeias e controlariam o crime de dentro das penitenciárias.

O secretário disse que a situação nas prisões do Espírito Santo está sob controle. “Nosso sistema prisional tem um controle melhor que todos os outros no Brasil. Houve um esforço muito grande de reorganização do sistema prisional capixaba e uma das consequências disso é que a gente retomou o controle da situação”, disse.

O secretário admitiu que a informação pode sair, vez ou outra,



Há bandidos que querem ter o nome associado a uma facção desse porte. No entanto, não há atividade”

— ANDRÉ GARCIA SECRETÁRIO

da cadeia para a rua, mas que os órgãos de segurança estão atentos a essa questão. “Pode acontecer que um ou outro bilhete chegue na mão de um responsável pelo tráfico, mas não se tem uma ação sistemática. Nenhum que funcione como escritório do crime. Temos relatos de parentes que já foram até presos por passar informações”, concluiu o secretário.

LEIA AMANHÃ Traficantes comandam mortes e expulsões